

Economia - Brasil Dólar e risco Brasil voltam a subir

Moeda americana fecha cotada a R\$ 3,15 e títulos de países latino-americanos são rebaixados

■ MERCADO CONTINUAÇÃO DA 1ª PÁGINA

O banco Morgan Stanley rebaixou os títulos soberanos dos países latino-americanos de *market-perform* (na média do mercado) para *underperform* (abaixo da média). Entre os países da região, o único que não teve os papéis reclassificados para abaixo da média foi o México, que estava acima da média (*outperform*) e agora está *market perform*.

A agência de classificação de riscos americana Moody's também rebaixou ontem os títulos da dívida e os depósitos bancários em moeda estrangeira do país. Os argumentos da Moody's são praticamente os mesmos do Morgan Stanley. Apesar do acordo com o FMI, a agência alegou que a atual relação dívida/PIB do país contribui para aumentar o risco de calote.

Especialistas como o economista-chefe do banco Itaú, Sergio Werlang, avaliam que, passada a euforia inicial com o acordo do país com o FMI, o mercado percebeu que o pacote de ajuda internacional não foi, na verdade, tão bom quanto o percebido inicialmente. Werlang destaca que o pacote complementar, que inclui recursos do Bird (Banco Mun-

dial) e do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), ficou abaixo das expectativas.

Com a alta de ontem do dólar comercial, a moeda americana encerrou o dia cotada a R\$ 3,155 para venda e R\$ 3,145 para a compra. A máxima do dia foi de R\$ 3,16. O Ibovespa fechou em queda, aos 9.723 pontos, com volume financeiro de R\$ 647 milhões, puxado

principalmente pelos papéis dos bancos. As ações preferenciais (PN, sem direito a voto) do Bradesco encerraram o dia cotadas a R\$ 9,24 o lote de mil, em queda de 6,57%. O papel foi o terceiro mais negociado e o que apresentou a segunda maior queda, com um giro total de R\$ 24,6 milhões, 7% do volume total da Bovespa.

Já o risco Brasil, medido pelo banco americano JP Mor-

gan, saltou 11,8%, e fechou a 2.243 pontos. Com o resultado, o Brasil está atrás da Argentina (6.964 pontos), que enfrenta a pior crise de sua história, e da Nigéria (2.806 pontos), que já deu calote na dívida. O país ultrapassou também o Uruguai, país que ainda negocia ajuda do FMI.

Nos EUA, o mercado de ações fechou refletindo o pessimismo de parte dos investido-

res em relação a um novo corte de juros amanhã pelo Fed, o Banco Central dos EUA. Também pesou para o resultado de Wall Street a concordata da US Airways, sexta companhia aérea americana. O índice Dow Jones, da Bolsa de Nova York, caiu 0,64%. A bolsa Nasdaq, das empresas de tecnologia, fechou o dia praticamente estável.

O economista-chefe do banco BBVA, Octávio de Barros, atribuiu a volatilidade de ontem à concentração de US\$ 2,5 bilhões em vencimentos de papéis cambiais na próxima quinta-feira, o que contribuiu para o aumento da demanda por dólar.

Apesar do mau resultado, o BC conseguiu reduzir uma pressão ainda maior sobre o dólar, com a venda de US\$ 600 milhões em swap cambial (contrato que paga a variação da moeda americana mais juros) para liquidação na próxima quinta-feira. Ontem, o BC vendeu todos os 11 mil contratos com vencimentos nos dias 2 e 20 de setembro que havia ofertado, com volume financeiro estimado em R\$ 4 bilhões.

Com agência Folha

